



A SOCIOLINGUÍSTICA E A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Andreza Marcião dos Santos (UFAM)¹
andrezamarcao@hotmail.com

RESUMO: Este artigo, visa, em síntese, apresentar alguns pressupostos teóricos sobre a Sociolinguística e a Teoria da Variação e Mudança Linguística, mostrando alguns exemplos de trabalhos já realizados por estudiosos nestas áreas. Através da teoria Sociolinguística Variacionista de William Labov (1972) constata-se que a língua deve ser estudada levando em consideração os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação da língua. Dessa forma, ao final do artigo, faz-se algumas conclusões acerca do assunto abordado.

PALAVRAS-CHAVE: Língua; Sociolinguística. Variacionista; Teoria da Variação e Mudança Linguística.

ABSTRACT: This paper aims to present some theoretical assumption about Sociolinguistics and the Theory of Linguistic Variation and Change, showing some examples of work already done by scholars in these areas. Through the Variationist Sociolinguistic theory of William Labov (1972) it is verified that the language must be studied taking into account the linguistic and extralinguistic factors that condition the variation of the language. Thus, at the end of the article, some conclusions are made about the subject addressed.

KEYWORDS: Language; Variationist Sociolinguistics; Theory of Variation and Linguistic Change.

1 INTRODUÇÃO

As pesquisas sociolinguísticas no Brasil, tem ganhado notoriedade desde o fim do século passado, e muitos estudos estão retratando a variedade linguística do português brasileiro, com intuito de sistematizar a heterogeneidade da língua no que se refere a fala. Para Tarallo (2003), isto é visto como um “caos”, no entanto, pode-se levar em consideração que apesar da língua apresentar uma heterogeneidade, ela continua sendo um sistema ordenado, uma vez que há forças que agem sobre ela (COELHO *et al.*, 2015).

¹ Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: andrezamarcao@hotmail.com



A partir disso, é interessante perceber que os avanços nos estudos da área da Sociolinguística e da Teoria da Variação e Mudança Linguística tem contribuído para que, através de estudos das diferentes comunidades de fala que constituem o Brasil, seja possível desconstruir a ideia da homogeneidade linguística. Dessa forma, poderemos conhecer os diversos fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a variação de uma língua, mostrando, assim, como a competição entre variantes pode contribuir para o processo de variação e mudança linguística.

Diante disso, o artigo, inicialmente, aborda algumas considerações sobre a sociolinguística, visando, em síntese, apresentar o seu objeto de estudo e fatores internos e externos que agem sobre a língua, e alguns exemplos de estudos já realizados por pesquisadores nesta área. Em seguida, apresenta-se a Teoria da Variação e Mudança Linguística, considerando os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística, correlacionando assim, a mudança em tempo aparente, a mudança em tempo real e os problemas que devem ser considerados ao pesquisar o fenômeno de mudança linguística. E, à guisa de conclusão do texto, faz-se algumas considerações sobre o assunto abordado.

2 A SOCIOLINGUÍSTICA

Antes de chegar ao estudo da língua como um fato social, torna-se relevante apresentar os pressupostos de Ferdinand de Saussure, na qual mostrou que a língua só poderia ser estudada dentro do próprio sistema linguístico, e que a língua se constituía num sistema estável, sincrônico, homogêneo; caracterizado por um estudo linguístico com leis específicas que é descrita somente a partir de suas relações internas, deixando os fatores extralinguísticos de lado (COSTA 2013).

Contrapondo-se a Saussure, Bakhtin (1997), afirma que a língua não poderia ser apresentada como um objeto abstrato, senão como atividade social, fundada nas necessidades de comunicação. Logo, a natureza da língua seria essencialmente dialógica, privilegiando a enunciação como realidade da linguagem. Enquanto, Antonie Meillet,

quase sempre apresentado como discípulo de Ferdinand de Saussure, manifestou-se também contra a concepção estruturalista, uma vez que filiado ao sociólogo Émile Durkheim, passou a considerar o caráter social da língua, pois para ele, “a língua é, ao mesmo tempo, um ‘fato social’ e um ‘sistema que tudo contém’” (FONSECA, 2007). No entanto, outros estudiosos como Bloomfield, Hjelmslev e Chomsky, basearam-se na análise da língua em “si mesma”, construindo teorias e descrições sobre a linguagem em uma estrutura abstrata.

Como afirma Calvet (2002), “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história da língua é a história de seus falantes”. A partir disso, os estudos da língua como um fato social nasce em oposição a concepção estruturalista, ou seja, a língua não deve ser estudada somente “em si mesma”, mas também relacionar o valor social que ela possui. Diante disso, o termo “Sociolinguística” fixou-se em 1964, em um congresso organizado por William Bright, e que envolveu vários estudiosos da língua como, William Labov, Dell Hymes, Johnn Fischer, entre outros.

Os trabalhos apresentados neste congresso partiam da hipótese de que a Sociolinguística deve demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e social. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura dessa mesma sociedade. A proposta inicial da área era identificar um conjunto de fatores socialmente definidos, com os quais se supõe que a diversidade linguística esteja relacionada (FREITAG & LIMA, 2010, p.15)

A partir disso, a língua em seu caráter social a ser abordada neste artigo refere-se a “sociolinguística variacionista” ou “sociolinguística laboviana”, proposto por William Labov, nos Estados Unidos na década de 1960. Labov relacionou e analisou os dados linguísticos com as variantes sociais, levando em consideração os fatores extralinguísticos, como a escolaridade, faixa etária, sexo e nível socioeconômico dos falantes (CEZÁRIO & VOTRE, 2013).

E para conhecer e realizar estudos sociolinguísticos é necessário compreender o que é *variedade, variação, variável e variante*, pois quando nos referimos a língua há

fatores que a influenciam. A palavra *variedade*, refere-se a características de um determinado grupo linguístico, ou seja, a variedade pode partir de critérios geográficos (a variedade manauara e a variedade gaúcha), critérios sociais (falantes mais escolarizados e variedade dos falantes mais jovens) e critérios como ocupação/profissão (a variedade dos advogados) ou algum hábito que unifique os falantes como a variedade dos falantes que acessam determinada rede social na internet com frequência (COELHO *et al.*, 2015).

As *variações* ocorrem de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas, e a “sociolinguística se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua” (CEZARIO & VOTRE, 2013, p. 41). A variação pode ser considerada um fenômeno cultural motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos, na qual o pesquisador ao estudá-la pode identificar quais são os contextos que favorecem ou impedem o seu uso na comunidade. Segundo os estudos relacionados a essa área há três tipos de variação linguística, sendo elas, a variação regional, variação social e variação de registro.

A *variável* é o fenômeno que se objetiva estudar, ou seja, no caso da alternância dos pronomes “tu” e você” para a alternância pronominal de segunda pessoa (P2), a variável a ser trabalhada é a “expressão pronominal de P2” (COELHO *et al.* 2015). Enquanto as *variantes*, segundo Tarallo (1986, p. 08), “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. As variantes seriam então as formas que estão em competição, como por exemplo, os pronomes “tu” e você”, contudo, o uso de uma variante ou outra é influenciado por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Os fatores linguísticos são aqueles relacionados a uma análise mais estrutural, ou seja, a ordem dos constituintes em uma sentença, a classe das palavras envolvidas no fenômeno em variação, aspectos semânticos, etc. Enquanto os fatores extralinguísticos, se refere a uma perspectiva social, como o sexo, gênero, grau de escolaridade e a faixa etária do informante (COELHO *et al.* 2015).

Um exemplo a ser explorado em relação aos fatores linguísticos é dado por COELHO *et al.* (2015). A autora aborda a redução dos ditongos através dos exemplos



das palavras ‘couve’, ‘caixa’ e ‘peixe’. Nestas podem ser encontrados os ditongos /ow/, /ay/ e /ey/, e quando as pronunciamos há a possibilidade de fazer a redução desses ditongos para ‘cove’, ‘caxa’ e ‘pexe’, no entanto, em outras palavras isso não é possível, como em ‘baile’ e ‘peito’. Então, a pergunta que se faz a partir disso é: qual o fator que estaria atuando sobre essa variável?

Para Cabreira (2000), no caso do ditongo /ow/, há 96% de redução para /o/ (couve>cove), independentemente de qualquer fator interno. Para os ditongos /ey/ e /ay/ há um fator que contribui para a redução, ou seja, quando /ey/ é seguido de *r* fraco (dinheiro>dinheiro), há 98% de redução. Quando /ey/ e /ay/ são seguidos de consoante palatal surda /ʃ/ ou sonora /ʒ/ (peixe>pexe), o percentual de redução na fala é de 66%. Dessa forma, a redução dos ditongos decrescentes /ey/ e /ay/ é condicionada por pressões fonológicas, sendo, dessa forma, o fator interno da língua um condicionador relevante para a escolha de uma ou outra variante.

O exemplo relacionado aos fatores extralinguísticos é baseado na dissertação de mestrado, apresentado por Stella Maris Bortoni-Ricardo ao programa de pós-graduação em linguística da Universidade de Brasília em agosto de 1977. A autora pesquisou a “reações de falantes do português à concordância verbal não padrão”, baseando-se na hipótese de que no português contemporâneo, há uma tendência a não se fazer concordância entre sujeitos plurais de 3º pessoa e a forma verbal a eles relacionada.

Assim, o fenômeno constitui uma regra variável, sendo composto pela variante tradicional (prevista pela gramática normativa) e a variante substituta, que é empregada, principalmente em interações informais. As variáveis foram divididas em independentes e dependentes. A variável independente foi: a) dialeto padrão e dialeto não padrão; b) escolaridade (universitários e alunos de supletivo). Enquanto, a variável dependente consistiu na percepção da concordância não padrão (variante substituta), medida por meio de uma escala de sete pontos, na qual a extremidade 1 correspondia a “absolutamente correto” e a extremidade 7 “absolutamente incorreto”. Quanto mais próximo da avaliação 7, maior a estigmatização.

Os sujeitos da pesquisa eram universitários da Universidade de Brasília e alunos de supletivo de uma escola de Brasília. Os dados foram analisados por meio de um procedimento estatístico denominado análise de variância e a partir disso, o dialeto padrão foi avaliado como sendo mais correto que o dialeto não padrão. No que se refere a escolaridade, os universitários apresentaram uma distinção significativa entre o dialeto padrão e o dialeto não padrão, diferente dos falantes do curso supletivo, na qual a distinção entre os dois foi muito pequena. Assim, a pesquisa demonstrou que a percepção do uso das duas variantes da regra variável de concordância verbal dependeu do nível de escolarização dos falantes, ou seja o fator extralinguístico (escolaridade) condicionou o uso de uma ou outra variante.

Dessa forma, ao realizar um estudo sociolinguístico é necessário levar em consideração os fatores linguísticos e extralinguísticos, a variável a ser estudada e a variante dessa variável, contudo, se quisermos compreender a complexa relação entre língua e sociedade é necessário ir muito além disso.

3 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

A Teoria da Variação e Mudança Linguística tem como objeto de estudo a variação e mudança da língua, levando em consideração o caráter sociolinguístico, a estrutura e a evolução da língua no contexto social de uma comunidade de fala (LABOV, 1972). A partir disso, para compreendermos a Teoria da Variação e Mudança Linguística é necessário levar consideração alguns princípios como:

- A língua é um sistema inerentemente heterogêneo e ordenado;
- A competência linguística do falante comporta a heterogeneidade da língua;
- Não existe falante de estilo único;
- O *locus* do estudo da língua é a comunidade de fala, não o indivíduo;

- Fatores linguísticos e sociais encontram-se intimamente relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicação apenas de um ou outro aspecto falharão ao descrever as regularidades que podem ser observadas nos estudos empíricos do comportamento linguístico;
- Na língua, nem tudo que varia sofre mudança, mas toda mudança pressupõe variação (COELHO *et al.*, 2015).

A língua é um sistema heterogêneo e ordenado, pois nos remete ao princípio de que a heterogeneidade não interfere ou compromete o funcionamento da língua, e sim o contrário, ou seja, se a língua fosse um sistema homogêneo e invariável é que poderia ser disfuncional em uma comunidade de fala culturalmente diversificada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Apesar desse carácter heterogêneo, a língua é um sistema ordenado, pois os próprios falantes dessa língua apresentam conhecimento sobre a formação de uma estrutura em uma determinada frase, sendo que podem aceitá-la ou não. Como por exemplo, na frase:

- a) Helena incomodou Serginho à tarde (frase aceita pelo falante).
- b) *Incomodou Helena Serginho à tarde (frase não aceita pelo falante).
- c) *Incomodou Serginho Helena à tarde (frase não aceita pelo falante).
- d) *Incomodou Serginho à tarde Helena (frase não aceita pelo falante).

Como podemos observar nos exemplos, a frase (a) apresenta uma ordenação sintática, pois a palavra *Helena* é fixa, não podendo ser transportada para outra posição, por isso os exemplos (b), (c) e (d) geram estranhamento e não são aceitas pelos falantes (PERINI, 2006, p. 18).

Assim, apresenta-se outro princípio, ou seja, a competência linguística do falante que envolve a capacidade que este possui em lidar com a heterogeneidade da língua. Mais, especificamente, o falante pode fazer uso das variáveis que a língua comporta, por exemplo, um falante A pode aprender a forma usada por uma falante B e adotá-la, sem abandonar a forma que usava (COELHO *et al.*, 2015). Na perspectiva laboviana, não existe falante de estilo único, uma vez que todos mostram variação fonológica, fonética,



morfológica, semântica, lexical, sintática, estilístico, e pragmático. Dessa forma, a língua apresenta muitas variações e não ocorre de forma desorganizada, ou seja, todo e qualquer indivíduo varia a sua maneira de falar, independentemente de seu grau de escolaridade, classe social ou faixa etária. E, por existir essa grande variedade nos modos de falar de uma língua, é necessário, reforçar aqui o respeito as construções que cada falante apresenta, pois nenhuma construção é melhor que a outra.

As pessoas que dizem *Craudia*, *praca*, *pranta* pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada “feia”, “pobre”, “carente”, quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola. (BAGNO, 1999, p. 41)

Neste exemplo, observa-se que além do preconceito contra a língua, há o preconceito contra as pessoas que pertencem a uma classe social mais baixa, com a qual não se quer igualar, interagir ou fazer sua inclusão. Isso mostra que o preconceito existente entre eles não se refere às diferentes formas de uso da língua, mas sim, ao preconceito social por parte daqueles que se acham superiores.

Partindo da noção de que não existe falante de estilo único, a teoria da variação e mudança tem como objeto de estudo a comunidade de fala², não o indivíduo, pois, embora ele apresente conhecimento sobre as regras e categorias gramaticais, a sociolinguística se preocupa com a gramática geral da comunidade de fala, e não com o sistema específico de um ou outro indivíduo (COELHO, *et al.*, 2015).

Ao desenvolver uma pesquisa sobre a variação e mudança linguística é necessário levar em consideração os fatores linguísticos e sociais, sendo que estão relacionados ao processo de variação e mudança. Segundo Coelho (2015, p. 72), “a explicação apenas de

² Entende-se como comunidade de fala a definição elaborada por Gregory Guy (2001), na qual os falantes devem compartilhar traços linguísticos que sejam diferentes de outros grupos. Devem ter uma frequência alta de comunicação entre si e ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem.



um ou outro aspecto falharão ao descrever as regularidades que podem ser observadas nos estudos empíricos do comportamento linguístico”.

E, por fim, na língua, nem tudo que varia sofre mudança, mas toda mudança pressupõe uma variação. Isso significa que apesar de existir duas variantes em competição, não indica que uma irá cair em desuso e a outra se tornará uma forma usual, assim, as duas variantes podem conviver em variação durante anos sem que haja a substituição de uma pela outra (TARALLO, 1999).

4 SOCIOLINGUÍSTICA SINCRÔNICA E SOCIOLINGUÍSTICA DIACRÔNICA

Para auxiliar o desenvolvimento de estudos sobre a variação e mudança linguística, compreende-se que o pesquisador apresente conhecimento sobre o conceito de sincrônica e diacronia. A sincronia estuda o estado da língua simultaneamente, e não leva em consideração a ação do tempo sobre ela. Enquanto a diacronia centra a sua investigação na ação do tempo, ou seja, as fases da evolução da língua. Dessa forma, a sincronia e a diacronia designam respectivamente um estado da língua e uma fase de evolução (SAUSSURE, 1916).

Neste sentido, a sociolinguística sincrônica se dedica a descrever o sistema linguístico a partir do momento atual (simultâneo), fazendo uma abstração do fator tempo e da descrição dos traços linguísticos num dado estado da língua. Já a sociolinguística diacrônica preocupa-se com a descrição das mudanças ocorridas ao longo do tempo, ou seja, da passagem de um estado a outro da língua. A partir disso, o estado da língua definível no presente ou no passado é resultado de um longo e contínuo processo histórico (SILVA, 2009). Para melhor compreensão entre os estudos na perspectiva da sociolinguística sincrônica e diacronia, apresenta-se na tabela abaixo as divergências entre ambas.

Tabela 01: Tabela baseada em Raumolin-Brunberg (1996), mostrando as divergências e a complementação de uma investigação na perspectiva da sociolinguística sincrônica e da sociolinguística diacrônica.

	Sociolinguística sincrônica	Sociolinguística diacrônica
Material	Dados procedentes da mídia oral; Material autêntico; Dados relativos a todos os membros da comunidade e de todos os estilos e registros.	Dados procedentes da mídia escrita; Material quem tem sobrevivido por azar; Dados relativos a grupos alfabetizados da comunidade (geralmente homens, de status médio e alto) e unicamente de determinados estilos e registros.
Objeto de investigação	Variação e mudança fonológica	Variação e mudança no nível gramatical
Contexto social	Conhecimento de primeira mão, disponibilidade de dados suficientes	Desconhecido, deve-se reconstruir a partir de uma investigação histórica
Disciplina vinculada	Sociologia	História social
Influência do padrão	Muito significativa	Variável, segundo o período em que se investigue
Amplitude e resultados das mudanças linguísticas	Desconhecidos	Conhecidos

O investigador na sociolinguística sincrônica pode intuir que em certa comunidade há uma mudança em processo, mas não pode determinar com certeza sua direção ou seu resultado definitivo. Já na investigação diacrônica pode-se saber de antemão o período aproximado em que tiveram lugar as mudanças e seus resultados. Na sincronia, de forma geral, só se pode confiar nos chamados “estudos em tempo aparente”, ou seja, são aqueles estudos em que se obtém dados de distintas gerações de falantes e da sua comparação se extraem conclusões sobre possíveis desenvolvimento linguísticos. Enquanto, no âmbito diacrônico as investigações geralmente centra-se no “estudo em tempo real”, os quais permites obter conclusões mais certas e oferecem uma posição estratégica para comprovar a fidelidade dos estudos do primeiro tipo, de caráter mais hipotético (CONDE-SILVESTRE, 2007).

O “estudo em tempo aparente”, pode ser identificado pelo controle da variável “faixa etária”, ou seja, quando se observa gradativamente as diferentes formas linguísticas em variação correlacionadas com a faixa etária. Um exemplo, seria a variação da realização do fonema /t/ seguido de /i/ - contexto sujeito à palatalização – em fala de informantes de Florianópolis de etnia açoriana (COELHO *et al.*, 2015).

Tabela com percentual de palatalização do /t/, em Florianópolis, segundo a faixa etária (PAGOTO, 2001, p.317).

Palatalização do /t/			
Faixa etária dos falantes	[t]	[ts]	[tʃ]
13 a 23 anos	42%	29%	30%
25 a 50 anos	66%	18%	17%
Acima de 50 anos	69%	19%	12%

No que se refere as três variantes apresenta-se uma distribuição gradativa no que se refere a faixa etária. A variante conservadora [t] é mais frequente na fala dos mais velhos, caindo gradualmente pela faixa intermediária até a mais jovem. As variantes

inovadoras [ts] e [tʃ] são mais frequentes na fala dos mais jovens, decrescendo na dos mais velhos. Assim, observa-se que há um aumento regular e progressivo no uso das variantes inovadoras, relacionado diretamente ao decréscimo da faixa etária, caracterizando, dessa forma, um indício de mudança em curso na sincronia, ou mudança em tempo aparente (COELHO *et al.*, 2015). Tendo isso em vista, em um resultado que leve em consideração a faixa etária, é interpretado como um indicativo de mudança, e caso se queira atestar esta mudança é necessário relacionar os estudos em tempo aparente com os estudos de mudança em tempo real.

O segundo exemplo, refere-se a “mudança em tempo real”, este estudo foi realizado por Célia Regina dos Santos Lopes, em 2012, com o intuito de mostrar o emprego de *gente* como sinônimo de pessoas (emprego como substantivo) e a intensificação do emprego de *a gente* como forma pronominal. A partir disso, a figura abaixo mostra um percurso histórico sobre o emprego de *gente* para *a gente*.

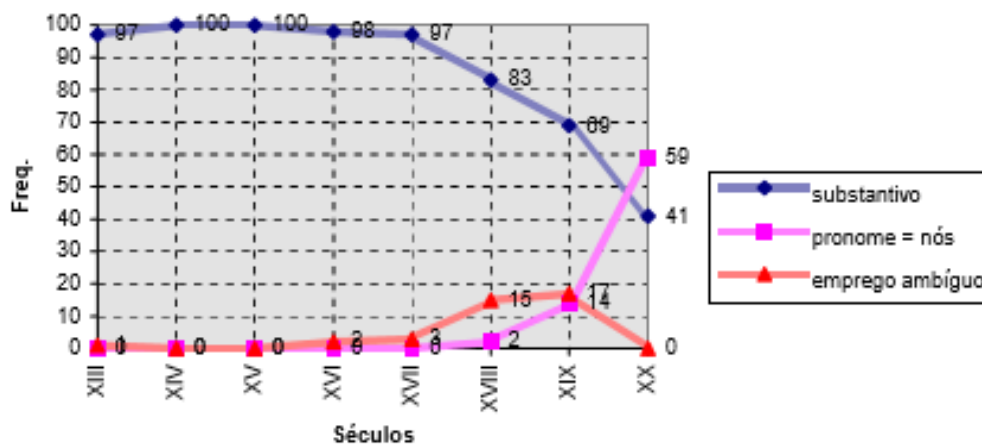


Figura 01: Percurso histórico de *gente*(substantivo) > *a gente* (pronomes)

A Figura 01 mostra que a pronominalização do substantivo *gente* foi lento e gradual, uma vez que as ocorrências de *a gente* como pronomes só apareceram no século XVIII. Antes disso, a forma *a gente* apresentava ambiguidade, ou seja, poderia ser tanto o sinônimo de “pessoas” quanto a variante de *nós*. A partir do século XVI o substantivo *gente* poderia ser considerado “todo mundo (todas as pessoas), inclusive “o *eu*”, e começam a ser tornar mais frequentes. A partir do século XVII há um crescimento

progressivo de exemplos dessa natureza, o que poderia refletir um período de transição entre o uso da forma como substantivo ou o início do emprego mais efetivo como pronome que ocorre a partir do século XIX. Assim, o período transitório instaura-se entre o século XVII e o XIX. Dessa forma, o emprego de *a gente* como forma pronominal intensifica-se no século XIX e a interpretação ambígua deixa de se fazer presente (LOPES, 2002).

Observa-se, então, que os estudos em tempo real é observada a partir de um recorte de tempo, simultâneo, que leva em consideração a faixa etária dos falantes. Enquanto a mudança em tempo real configura um estudo realizado a partir de intervalos de tempos maiores ou menores, ou seja, “o estudo de dois momentos que se distanciam no mínimo em 12 anos e no máximo em 50 anos” (CEZÁRIO; VOTRE, 2008, p. 151).

4 PROBLEMAS AO ANALISAR UM FENÔMENO DE MUDANÇA LINGUÍSTICA

No livro intitulado “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística”, de Uriel Weireich, William Labov e Marvin Herzog, publicado em 1968, e traduzido para o português por Marcos Bagno, em 2006, apresenta-se os cinco problemas que estão relacionados ao estudo de um fenômeno de mudança. De acordo com esses autores, os problemas são: 1) Problema de restrições; 2) problema de transição; 3) problema de encaixamento; 4) problema da avaliação; e; 5) problema da implementação.

O primeiro problema refere-se a preocupação de definir quais as condições que favorecem ou restringem as mudanças, ou seja, é a identificação dos fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a mudança linguística (WEIREICH, LABOV & HERZOG [1978] 2006). Cada variante a ser estudada corresponde a certos contextos que a favorecem, sendo esses contextos denominados de fatores condicionadores. Desse modo, é necessário ter conhecimento das variantes e dos contextos favoráveis ou não,

pois só assim é possível “explorar as armas e avaliar os contextos mais favoráveis de uma e a vitória de outra” (TARALLO, 2007, p. 33).

O problema da transição refere-se a “como uma mudança acontece? Quais são seus caminhos e etapas? O sistema linguístico de um indivíduo muda ao longo de sua vida? Como uma mudança é transmitida de uma geração a outra? (WEIREICH, LABOV & HERZOG [1978] 2006). Ao refletirmos sobre a transição na mudança linguística, pensa-se nas seguintes etapas: “i) o surgimento de uma forma alternativa; ii) a entrada dessa forma no sistema e o começo de uma competição com as demais variantes de uma variável X e iii) o momento do desuso de uma das formas, efetivando-se, pois, a mudança” (MOURA, 2013, p. 26). Em suma, o problema da transição envolve a análise das etapas pelas quais a língua atravessa até a transformação da língua.

O problema do encaixamento faz-se a partir da observação do ajuste da mudança nas matrizes linguística e social, correspondendo aos seguintes questionamentos.

Como as mudanças se encaixam no sistema das relações linguísticas e extralinguísticas das variantes? Que outras mudanças estão associadas com uma certa alteração de um modo que não possa ser atribuído à coincidência? Podemos postular duas dimensões do encaixamento: o encaixamento da variável na estrutura linguística e as possíveis relações em cadeia; e o encaixamento da variável na estrutura social, em que se identifi cam os grupos sociais aos quais as formas se vinculam (FREITAG & SANTOS, 2010, p. 48)

No que se refere ao encaixamento na matriz linguística, Weireich, Labov e Herzog ([1968]2006), postulam que a mudança linguística raramente ocorrerá em um movimento de um sistema inteiro, mas pela alteração das variáveis dentro dele, dessa forma, a variável é um elemento estrutural e que parte da competência linguística dos membros d uma comunidade de fala. Enquanto o encaixamento na matriz social, os autores WLH apontam que a variação social e geográfica são intrínsecas à estrutura da língua, cabendo, assim, ao pesquisador examinar o grau de correlação entre o social e a mudança que influenciam a organização do sistema (MOURA, 2013).



O problema da avaliação corresponde a apreciação do falante acerca da mudança linguística e de suas consequências na sua estrutura, ou seja, os membros de uma comunidade de fala apresentam julgamentos sobre a variável que está sendo analisada e essa avaliação afeta a mudança, pois “o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística” ((WEIREICH, LABOV & HERZOG [1978] 2006), p. 124). As perguntas a serem levantadas acerca do problema da avaliação é:

Como os membros de uma comunidade de fala avaliam uma mudança particular? Avaliações negativas podem afetar o curso da mudança? Ela pode ser detida ou revertida como consequência do estigma social? O nível de consciência dos membros da comunidade de fala é uma característica essencial da mudança linguística e deve ser considerado na análise (FREITAG & SANTOS, 2010, p. 48).

Por fim, o problema da implementação “está relacionado à determinação da direção que a mudança toma na estrutura social e linguística” (MOURA, 2013, p.27), e os questionamentos a serem levados em consideração acerca dessa problematização corresponde a:

Por que uma dada mudança linguística ocorreu em certa época e lugar? O problema da implementação está ligado às causas da mudança e aos demais problemas: em que parte da estrutura social e linguística a mudança se originou, como se espalhou para outros grupos, que grupos mostraram maior resistência a ela? (FREITAG & SANTOS, 2010, p. 48). É possível depreender *quem*, *quando* e *como* implementou a mudança? (RUMEU, 2012).

Dessa forma, o problema da implementação procura compreender como uma mudança se implementa no sistema e por que a implementação ocorreu em um dado momento e não em outro. Assim, para explicar tais problematizações é necessário refletir por que as línguas mudam e como as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda (FREITAG & SANTOS, 2010).

CONCLUSÃO

A partir das concepções apresentadas sobre a sociolinguística e a Teoria da Variação e Mudança Linguística, é possível compreender que o desenvolvimento de estudos nessas abordagens está inteiramente relacionada a uma comunidade de fala e a fatores linguísticos e extralinguísticos que operam sobre a língua, pois segundo Labov (2008, p. 21) “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”.

As mudanças em tempo aparente e as mudanças em tempo real podem ser correlacionadas, ou seja, caso se evidencie uma determinada variação num momento atual (sincrônico), pode-se voltar ao passado para a verificar o histórico de tal variante, e depois retornar novamente ao presente. O passado pode fornecer indícios para explicar o presente, pois os fatores que produziram mudança na fala anos atrás não são essencialmente diferentes daqueles que estão operando na língua hoje. O entendimento de processos que operaram no passado pode ser inferido da observação de processos em curso no presente (COELHO *et al.*, 2015).

Também foi possível observar que ao realizar um estudo sobre a mudança linguística é preciso levar em consideração os cinco problemas que a acompanham, pois “uma teoria geral da mudança linguística, para ser suficiente deverá dar conta das condições que determinam o início, a velocidade, direção, a propagação e o término da mudança” (TARALLO, 2007, p.84).

Dessa forma, objetivou-se neste artigo apresentar alguns exemplos sobre os estudos sociolinguísticos e sobre a Teoria da Variação e Mudança Linguística, com intuito de auxiliar possíveis reflexões acerca dos trabalhos já desenvolvidos, proporcionando uma articulação entre a teoria e a prática, uma vez que o estudo da heterogeneidade da língua possibilita o entendimento, atitude crítica e respeito diante as diferenças linguísticas condicionadas por fatores linguísticos (estrutural) e extralinguísticos (social).



REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é e como se faz?** 49 ed. São Paulo: Editora Loyola, 1999.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BORTONI-RICARDO, M.S. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- COELHO, I. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CABREIRA, S.H. A monotongação dos ditongos orais decrescentes no sul do Brasil. ORGANON, n. 28/29. **Estudos da língua falada**. UFRGS, 2000, p. 143-155.
- COSTA, M.A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M.E (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: Uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 141- 155.
- CONDE SILVESTRE, J. C. **Problemas y principios**. In: _____. Sociolinguística histórica. Madrid: Gredos, 2007, p. 18-72.
- FREITAG, R.M; LIMA, G.O.S. **Sociolinguística**. CESAD-Centro de Educação Superior a Distância. São Cristóvão/SE. 2010.
- FONSECA, S.M. **O problema das proparoxítonas: a perda vogal postônica**. Juiz de Fora, 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- LOPES, C.R.S. “De gente para a gente: o século XIX como fase de transição”. In: ALKMIM, T.M (Org.). **Para a História do Português Brasileiro – Novos Estudos**. São Paulo: Humanita/FLP/USP, 2002, p. 25-46.
- MOURA, K.K. **A implementação do você em cartas pessoais norte-riograndenses do século XX**. Natal, 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- PERINI, M.A. **Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- PAGOTO, E.G. **Variação e identidade**. Campinas, 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Unicamp.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 7 • Número 20 • Novembro/Fevereiro 2017

RUMEU, M.C.B. **A inserção do *você* no português brasileiro oitocentista e novecentista:** reflexos de uma mudança linguística. SCIELO Uruguay. *Linguística* vol. 28, nº 01. Montevideo, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 1916.

SILVA, M.L. **A linguística e a sociolinguística numa perspectiva brasileira.** In: *Revista Filosofia Capital*. Vol.04, ed.8, ano 2009.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1999.

_____. **A Pesquisa Sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1986.

_____. **A Pesquisa Sociolinguística.** 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. **A pesquisa Sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2007.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006. [1968]

Recebido Para Publicação em 28 de novembro de 2016.

Aprovado Para Publicação em 23 de maio de 2017.